



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14082 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

**CRIANDO CURRÍCULOS COM FILMES NOS COTIDIANOS ESCOLARES:
MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA E DECOLONIALIDADE**

Marcelo Ferreira Machado - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Renata Rocha de Oliveira - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**CRIANDO CURRÍCULOS COM FILMES NOS COTIDIANOS ESCOLARES:
MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA E DECOLONIALIDADE**

A reconstrução de um país sociável e humanitário se faz necessária depois de sete anos de (des)governos. Os movimentos de resistência nunca cessaram, na maior parte das vezes, estavam lutando contra as forças hegemônicas de modo a criar uma agenda potente nos cotidianos dos *'espaçostempos'* escolares. Na pandemia, foi possível, através de encontros remotos pelo aplicativo *Zoom*, realizarmos *'cineconversas'* com estudantes do ensino médio e de graduação de licenciaturas para conversarmos acerca de como questões sociais/migratórias se tornam questões curriculares. Fizemos *'usos'* das metodologias das conversas para fomentarmos as necessidades de discutirmos os agentes colonialistas e tecermos novas possibilidades e *'conhecimentossignificações'* e outros modos de *'fazersentirpensar'* as pesquisas com os cotidianos escolares.

Palavras-chave: Cotidianos escolares. Filmes. Decolonialidade. Migração. Pandemia.

Introdução

O fim do período eleitoral acalorado do último ano de 2022 e com o país, em sua maioria eleitoreira, convicto de que preocupações sociais do passado deveriam ter destaque novamente dentro da agenda política nacional nos próximos quatro

anos cabe, aos diversos movimentos sociais, pensar na reconstrução de um país tão polarizado, cujos valores simbólicos e materiais estão em disputa.

Uma das possibilidades de contribuição de cada indivíduo da sociedade civil, é criar movimentos de renovação dentro de seu *lócus* de trabalho efetivo. Contudo, não é adequado descartar tudo que foi aprendido até aqui, mesmo que tenham sido *'pensadospraticados'* dentro de regimes duros e conservadores que descartavam a ciência e a pesquisa, sobretudo em educação.

No limiar de desburocratizar certos modelos de *'aprendizagemensino'* e de criar novas formas de conversar temas complexos em rede, surgiram as *'cineconversas'*, com intuito de [com] fabular (DELEUZE, 2013) e criar *'conhecimentossignificações'*, em torno de questões ligadas à educação, à formação docente e aos supostos outros que circulam no *'dentrofora'* das escolas e com quem são pensados e criados currículos diversos, tornando possível o trabalho docente nos cotidianos escolares, de norte a sul do Brasil.

Com auxílio de algumas pesquisas desenvolvidas, foi possível compreender *os modos e os meios pelos quais questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas* (referência ao projeto de pesquisa do nosso grupo, não vamos citar em virtude do anonimato), a partir dos estudos com os cotidianos e suas bases *'praticoteóricas'*, encontradas, sobretudo, em Michel Certeau (2014) e, também, Alves (2019), Ferrazo, Alves e Soares (2016), cujos movimentos de pesquisas com os cotidianos de escolas brasileiras, são influenciados pelo pensamento de Certeau, mas de forma crítica, problematizando questões históricas da tradição científica e apostando na renovação do pensamento tradicional.

Uma dessas apostas feitas, para formular novos pensamentos ou *'saberesfazeres'*, foi a de aliar junto a tudo que vinhamos pensando com a corrente dos estudos com os Cotidianos, são as ideias desenvolvidas pelo movimento decolonial, que em muito temos encontrado similariedade com o nosso pensamento e com o pensamento de autores com quem trabalhamos. Conceber o fim da colonialidade com o fim da era colonial é desacreditar no poder com que as forças reguladoras são capazes de se infiltrar nos cotidianos e criar permanências em traços, gestos e formas pungentes nas pessoas, nos seus modos de vida – na política.

Contudo, defende-se aqui a ideia “decolonial”, que é o poder de desfazer essas forças, ou pelo menos, desfazer o poder central delas no controle vida das

peças, fazendo emergir novas narrativas acerca da História da Humanidade que nos foi contada, a partir de um único ponto de vista geográfico.

É importante ainda dizer aqui que não se quer fazer neste texto uma oposição colonial *versus* decolonial, sustentada em autores de épocas e lugares geográficos distintos, mas encontrar em ambas correntes, eurocêntricas como a de Certeau e decolonial em Ballestrin (2013), movimentos que nos fazem reafirmar a centralidade e a necessidade dos estudos com os cotidianos para compreender a complexidade com que se dá qualquer processo de construção e/ou reconstrução de pensamentos, bem como o impacto imagético dessas relações simbólicas na escola, que é *lócus* central desta pesquisa.

Defende-se aqui a opção decolonial – epistêmica, teórica e política – para compreender a complexidade, a diversidade e repetição com que certos fatos acontecem nos cotidianos e trazendo um "argumento comprometido com a superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade (BALLESTRIN, 2013, p. 91) e, também, apoiado na ideia dos autores do campo *'teóricometodológico'* dos estudos com os cotidianos no Brasil, trazemos para compor este texto as *'prácticasteorias'* criadas com as *'cineconversas'* em torno dos filmes que selecionamos, em especial para a este texto: "Brooklin" (2015), com direção de John Crowley (EUA); "Bem-vindos à Marly Gaumont" (2016) de Julien Rombaldi; "Sierra Burgess é uma loser" (2018) de direção de Ian Samuels e "Adú" (2020) dirigido por Alejandro Hernández.

Metodologia

O movimento nos cotidianos nunca deixou de existir, mesmo sob forte vigilância do poder hegemônico. Diante de todos o caos vivido nos últimos (des)governos e na pandemia, resistimos e criamos para além das salas de aula. As táticas (CERTEAU, 2014) se constituem nas minúcias, nas entrelinhas... são tecidas de modo contínuo, muitas vezes, não se mostram claramente, mas como rizomas, se espalham e contagiam para além do dizível/visível.

Pensar em outros modos de criar conhecimento é uma das tarefas mais potentes dos pesquisadores cotidianistas. A inclusão nos *lócus* dos *'espaçotempos'* observados, a sapiência da escrita sabendo que é sempre possível uma nova visita a essas linhas e conhecer como os desafios éticos e estéticos fazem parte destes processos de metodologia de pesquisa. Os cotidianos

são repletos de criações permanentemente e em movimentos.

Maturana (2001) nos apresenta aquilo que entendemos a respeito das conversas que realizamos nos nossos *'espaçostempos'* escolares. O autor reflete acerca da inerência desse ato humano, nos mostrando ser de suma importância para as ciências humanas e sociais, pois se trata de interconexões realizadas a partir dessas múltiplas trocas de *'saberesfazeres'*. E toca num ponto que acreditamos ser muito importante para as relações e as pesquisas com os cotidianos, especialmente os escolares: a *paixão*.

Assim, enfatiza que quando realizamos as conversas com esse sentimento, temos mais chances de ouvirmos e sermos ouvidos, estabelecendo uma relação de confiança com o outro, até mesmo de amizade. Em nossos e com nossos cotidianos, a profissão de professor está muito relacionada ao sentimento vivido e compartilhado em sala de aula. E isso não ameniza nossos problemas sociopolíticos - como a falta de políticas públicas necessárias e os salários defasados - no entanto, também não diminui as relações tecidas e criadas em meio a tanta complexidade e afeto.

Para Serpa (2018, p. 114), "O sucesso da conversa é a entrega." Para a autora o importante quando estamos em conexão é a entrega efetuada entre os corpos, pois quando possibilitamos-nos ouvir podemos aprender com os trajetos e as vivências dos outros, sempre levando em consideração essa potência produzida pelos sons e pelos sinceros encontros permitidos. Quando estamos dispostos a ouvir e aprender, produzimos afeto, enquanto *'docentesdiscentes'* percebemos que esses encontros - chamados pelo nosso grupo de pesquisa de *'cineconversa'* - são sinceros e repletos de *'conhecimentossignificações'*. O exercício da escuta ativa, é muito importante, para quem quer ser escutado.

Nilda Alves e Carlos Eduardo Ferraço em seu capítulo *Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades*, no livro *Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?* relacionam justamente esses encontros entre conversas/conversações e os encontros/desencontros das vidas cotidianas. Tratando esses processos como descontínuos, irregulares, imprevisíveis. Não sabemos como começa e muito menos onde vai parar, mas o interessante é o deslocamento provocado pelas trocas de palavras. E assim, nós pesquisadores, nos vemos envolvidos a essas falas, inseridos nesse contexto de possibilidades. Os autores ainda estimulam aos

pesquisadores cotidianistas a buscarem seus caminhos metodológicos, criando outras possibilidades para junção de dados, ou outras/novas formas de relacionamento.

Outro método de pesquisa agregado as pesquisas feitas com os cotidianos, foram as '*cineconversas*' faladas acima, que foram assim chamadas pois '*vemosouvimosentimospensamos*' (ALVES, CHAGAS e MENDONÇA, 2019) os filmes, sendo as questões técnicas de conteúdo e forma tão importantes quanto os sentimentos do grupo e as possibilidades que uma determinada película tem em disparar conversas e movimentar nossas pesquisas.

Considerações Finais

Apresentamos ao longo desse resumo, as ideias defendidas em um doutoramento e um mestrado concluídos. Para a pesquisa, foi possível junto a esse processo, realizar uma criação de currículo com filmes na pandemia de 2020. Onde criamos uma '*cineconversa*', para além das estruturas oficiais do currículo vigente no ensino médio e realizamos quinzenalmente um encontro virtual, pela plataforma do *GoogleMeet*, para conversarmos acerca de um filme, num movimento de resistência, (re)construção, compartilhamento e trocas múltiplas de saberes e afecções.

Inicialmente, os filmes tinham uma temática relacionada aos processos migratórios vividos no mundo. Entender as dinâmicas, as causas, as consequências, as relações existentes, os impactos nas sociedades e nos sujeitos, para além daquilo que os currículos buscavam compreender, nossos encontros visavam as entrelinhas, os espraiaamentos, as emoções e afetos. Os filmes, mesmo que alguns sejam produções hegemônicas, nos fazem questionar e problematizar as tessituras dessas relações coloniais, o quanto, ao longo do tempo, nos foi desenhando e arquitetando as regionalidades e as relações de poder no mundo contemporâneo.

Brooklyn, por exemplo, é um romance do início do século passado, que articula como as movimentações migratórias funcionam em redes de apoio, capaz de criar outras relações mesmo a distâncias transatlânticas. A personagem principal, Ellis, desembarca em Nova York, e amparada por uma rede religiosa, consegue moradia, emprego, possibilidades de crescimento e estudo no novo 'espaçotempo', (re)afirmando que ações positivas e de encorajamento são cruciais

para adaptação e possibilidades de um mundo novo.

Discutir o racismo nunca foi tão doloroso, como assistindo *Bem-Vindos à Marly Gaumont*. A cineconversa realizada após *'verouvirsentirpensar'* o filme foi repleta de narrativas emocionadas e impactadas pelos desdobramentos cruéis do racismo na França da década de 1960. Apesar do protagonista ser médico e formado na própria França, a cidade não aceitava a sua chegada e de sua família, uma série de acontecimentos foram necessárias para serem aceitos pelo vilarejo, o que cria uma necessidade de aprovação para se estabelecer respeito e confiança. A obra permite irmos fundo nas relações coloniais criadas nos tempos de expansão marítima e neocolonialismo africano.

Discutir as novas tecnologias e as relações tecidas a partir delas foi o pré-texto de *'verouvirsentirpensar'* com o filme de *Sierra Burgess*. A obra traz um emaranhado de clichês (Guerón, 2011), porém nos surpreende por completo por quebrar esses paradigmas e apresentar os personagens de formas humanizadas e oscilantes com suas ações, promovendo um debate de como as questões tecnologias implicam em nossas vidas cotidianas.

E por último, destacamos o filme *Adú*, que traz três histórias concomitantes, mas com ênfase na homônima do protagonista, um menino de 7 anos, que cruza grande parte do continente africano para chegar na região espanhola que está geograficamente localizada no solo africano. A obra nos reforça a pensar acerca do processo de dominação vivenciado pela África nos últimos séculos, com a diáspora compulsória, os incentivos às guerras civis e a dominação que gerou um cenário de pobreza e subdesenvolvimento econômico e social.

Na pesquisa feita para a dissertação de mestrado, realizamos o que denominamos *'cineconversas'*, na corrente dos estudos com os cotidianos em que desenvolvemos nossas pesquisas, nelas também usamos a maior parte dos filmes já citados acima. Nessas *'cineconversas'* pudemos experimentar o uso dos filmes com estudantes de graduação em diversas licenciaturas. O intuito era também de pensar uma composição possível dos currículos escolares e adentrar em mundos culturais diversos, tentando compreender nossas diferenças e criar novas sociabilidades. Com destaque para o filme "Era o Hotel Cambridge", que nesse grupo teve grande impacto por se tratar basicamente de documentário com moradas de um prédio invadido e seus movimentos políticos por moradia.

Por fim, ambas as pesquisas desenvolvidas encontram, no presente, uma tarefa comum: a de ajudar a elaborar currículos que se abram a diferentes sociabilidades e que sejam capazes de dialogar com a diversidade cultural do Brasil, no estágio em que se encontra o campo educacional e científico pós- governo Bolsonaro, nesse cenário de grande disputa política e ideológica onde os currículos são criados.

Referências

ALVES, Nilda e FERRAÇO, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiência e amizadas. IN: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael e SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversas como metodologias de pesquisa: por que não? Aywu. 2018

ALVES, Nilda; CHAGAS, Claudia; MENDONÇA, Rosa Helena. Usar filmes para fazer surgir modos de atuar nos currículos - Migrações e Cotidianos Escolares. IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira e SÜSSEKIND, Maria Luiza. Estudos do cotidiano, currículo e formação docente - questões metodológicas, políticas e epistemológicas.

BALLESTRIN, Alessandra. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 11. Brasília, maio-agosto de 2013, p. 89-117.

CERTEAU, Michel de. Invenção do cotidiano – as artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. Os intercessores. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2013: 155-172.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda; SOARES, Maria da Conceição. Bases ‘*praticoteóricas*’ das pesquisas com os cotidianos – Certeau em sua atualidade. Currículo sem Fronteiras, v. 16, n. 3, p. 455-467, set./dez. 2016

GUERÓN, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê a imagem* Deleuze, cinema e pensamentos Rio de Janeiro/RJ: NAU Editoria, 2011.

MATURANA R., Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana / Humberto Maturana, organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

SERPA, Andréa. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In: Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Org.: Tiago Ribeiro, Rafael de Souza e Carmen Sanches Sampaio. Rio de Janeiro. Aywu, 2018. 216p.